



Luto coletivo e luta pela vida

As pessoas que morrem numa pandemia não são números. A frase tão repetida ainda não sensibilizou os que desdenham do sofrimento de quem fica, ou da própria dor, caso a perda ocorra entre os seus. Há quem viole a memória dos que se foram, com atitudes e comentários ignorantes e hostis no ambiente digital e nas ruas. Não cabe aqui repercutir os descalabros.

Nossa matéria de capa ouviu com carinho aqueles que perderam entes queridos, ainda tão presentes nos seus corações e pensamentos e que tanta falta fazem no cotidiano. Outros sofreram com a doença e temeram a perda de alguém, mas se alegraram com a volta para a casa. Sobreviventes fragilizados em meio a um luto coletivo.

Dona Iraldes era romântica, gostava de dançar. A síria Khadouj, já enfraquecida no hospital, recomendou ao filho que continuasse a ajudar as pessoas em situação de rua. Dona Maria José não melhorou com medicamentos em casa e foi bem acolhida no hospital: “Estou sendo cuidada, minha filha”. Mas não resistiu. Ao contrário dos que se foram, Rogério passou mais de dois meses numa unidade de tratamento intensivo e se recupera devagar.

Uma filha espera que a tragédia que levou sua mãe e um sobrinho sensibilize os que não protegem os outros e nem a si mesmos. Um filho lamenta que tenha conseguido salvar a mãe da guerra na Síria, mas não do vírus no Brasil. Uma filha teve ajuda de um enfermeiro para um adeus pelo celular, mas enterrou a mãe em caixão fechado e sem poder abraçar os familiares. Uma família em que todos se contaminaram se organiza agora para cuidar do pai convalescente.

“Para aqueles que ficam, a dor é tão particular quanto imensurável”, refletem a repórter Ana Cláudia Peres e o editor Adriano De Lavor. Na matéria, descrevem iniciativas solidárias de profissionais dedicados a ouvir e apoiar quem passou pela experiência da doença ou perdeu amigos e familiares, como o SOS Apoio Emocional, do Instituto Entrelaços, que chegou a contar com 160 voluntários atendendo em um único dia.

Maria Helena Franco, psicóloga que é referência nessa temática, afirma que “o luto não é um obstáculo a ser superado; o luto é para ser vivido”. Com a pandemia, o distanciamento do doente, a falta de acompanhamento em seus últimos dias de hospital, as restrições a velórios e enterros e a ausência dos rituais de despedidas alteram o processo de construção de sentidos em torno da compreensão da morte de um parente ou amigo próximo. Haverá um período de luto coletivo denso, avalia a psicóloga, um sofrimento que “talvez dure mais que a pandemia, porque necessita de um tempo de elaboração maior”.

Quando escuta alguém minimizar a gravidade do que está acontecendo no Brasil, uma das entrevistadas pela Radis diz que isso lhe dói “como um punhal”. Espera mais empatia: “Acho um desrespeito. Você não precisa passar por esse sofrimento para sentir a dor do outro. A gente não está vivendo uma situação natural. A minha mãe foi vítima de uma tragédia”.

O impacto da covid-19 difere conforme as desigualdades regionais, de classe, cor, etnia, condições de moradia e de vida. Desamparada e atacada pelo poder público, a população indígena é das mais vulnerabilizadas. Levantamento feito pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) aponta que, até 29/6, o novo coronavírus já alcançava 115 povos indígenas, com 380 mortes, muitas delas de anciãos, os depositários do conhecimento tradicional. Uma perda indescritível para a humanidade.

Racismo e abandono do Estado prejudicam a população quilombola no enfrentamento da pandemia. Levantamento da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq), em parceria com o Instituto Socioambiental (ISA), identificava 84 mortes de quilombolas por covid-19 até 22/6. O subeditor Luiz Felipe Stevanim ouviu lideranças de quilombos do Pará e Minas Gerais sobre o agravamento das iniquidades preexistentes e o prejuízo cultural e social que a doença causa, além do adoecimento físico e psicológico e da falta de alimento para as famílias. Até a tradição quilombola diante da morte, que envolve a celebração coletiva da vida, teve que ser alterada.

Em outra reportagem, Luiz Felipe descreve a articulação para o enfrentamento da covid-19 na comunidade caiçara na Praia Grande do Bonete, norte do litoral paulista, e nos revela como a escolha pela vida e uma economia solidária podem ser essenciais para assegurar o isolamento sanitário de um território. Liderados pelas mulheres, caiçaras e outras populações tradicionais da região de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba, entre Rio de Janeiro e São Paulo, interromperam a atividade turística, principal fonte de renda local, e iniciaram um processo de partilha do pescado e o fornecimento de alimentos para outras comunidades. Até junho, a população local permanecia protegida da expansão do coronavírus. Andrea Souza, nascida no Bonete e técnica em meio ambiente, explica a motivação da sua comunidade: “A gente acha que vale mais a nossa vida. É preciso preservar a população tradicional caiçara. Ela pode deixar de existir se uma doença tão arrasadora como essa entrar aqui”. felizmente, lutam pela vida. 

■ **ROGÉRIO LANNES ROCHA** EDITOR-CHEFE E COORDENADOR DO PROGRAMA RADIS

SUA OPINIÃO

Para assinar, sugerir pautas e enviar a sua opinião, acesse um dos canais abaixo

E-mail radis@ensp.fiocruz.br Tel. (21) 3882-9118 End. Av. Brasil, 4036, Sala 510 Manguinhos, Rio de Janeiro, RJ CEP 21040-361